

MÍRIAM CRISTIANE ALVES

**DESDE DENTRO:
PROCESSOS DE PRODUÇÃO DE SAÚDE EM UMA COMUNIDADE
TRADICIONAL DE TERREIRO DE MATRIZ AFRICANA**

Tese apresentada ao Programa Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do Título de Doutor em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Nedio Antônio Seminotti

Co-Orientador: Prof. Dr. José Flávio Pessoa de Barros (*In memoriam*)

PORTO ALEGRE

2012

Sumário

<i>Subjetividades EnCena – Alupo!</i>	13
<i>1 Acontecimentos em Cena</i>	15
<i>Subjetividades EnCena – Ogunhe!</i>	19
<i>2 CENA I – As Vicissitudes de Encontros e (Re)Encontros</i>	21
<i>2.1 Paradigmas</i>	24
<i>2.2 Problema</i>	26
<i>2.3 Objetivos</i>	27
<i>2.3.1 Geral</i>	27
<i>2.3.2 Específicos</i>	27
<i>Subjetividades EnCena – Kao Kabesile!</i>	28
<i>3 CENA II – Método/caminho de Pesquisa em Comunidades Tradicionais de Terreiros: dialógica e imersão como princípios</i>	30
<i>Resumo</i>	31
<i>Abstract</i>	32
<i>3.1 Método como um caminho</i>	33
<i>3.2 Primeiros Passos</i>	41
<i>3.3 Organização de certezas para enfrentar as incertezas</i>	43
<i>3.4 Compreensão do material empírico</i>	45
<i>3.4.1 Etapa I</i>	45
<i>3.4.2 Etapa II</i>	46
<i>3.4.3 Etapa III</i>	46
<i>3.4.4 Etapa IV</i>	47
<i>3.5 Notas dialógicas sobre o método/caminho</i>	47
<i>Referências</i>	50
<i>Subjetividades EnCena – Kao!</i>	53
<i>4 CENA III – Comunidade Tradicional de Terreiro: conceituação e reflexões sobre a existência de organizadores invariantes negro-africanos</i>	55
<i>Resumo</i>	56
<i>Abstract</i>	57
<i>4.1 Dialogando com alguns conceitos</i>	58

4.2 Organizadores civilizatórios invariantes negro-africanos	65
4.2.1 Tradição oral	68
4.2.2 Sistema oracular divinatório	70
4.2.3 Culto e manifestação de divindades	72
4.2.4 Ritos de Iniciação e de passagem	74
4.3 Reflexões dialógicas	76
Referências	78
Subjetividades EnCena – Odò Ìyá!	81
5 CENA IV – Conhecimentos e Verdades: racionalidades em questão!	83
Resumo	84
Abstract	85
5.1 Mýthos, lógos e/ou razão no pensamento ocidental	86
5.2 Mýthos e lógos no pensamento tradicional africano	90
5.3 Dialógica entre diferentes racionalidades e conhecimentos	94
5.4 Tônica da cena	99
Referências	101
Subjetividades EnCena – Èpa O!	105
6 CENA V – Saúde e Comunidades Tradicionais de Terreiros de Matriz Africana: revisão sistemática de literatura	107
Resumo	108
Abstract	109
6.1 Explicitando alguns conceitos	110
6.2 Contextualizando as políticas públicas	111
6.3 Método	113
6.4 Produção científica sobre a interface saúde e terreiros	115
6.5 Reflexões finais	123
Referências	125
Subjetividades EnCena – Èpa Bàbá!	132
7 CENA VI – Processos de Produção de Saúde em uma Comunidade Tradicional de Terreiro de Matriz Africana: o sujeito bio-mítico-social	134
Resumo	135
Abstract	136
7.1 Unidade cósmica e força vital – a saúde como existência	138

<i>7.2 Organização bio-mítico-social e relação sujeito-ancestral-divindade – subjetividade em curso</i>	145
<i>7.3 Pertencimento e identidade cultural na produção de saúde</i>	151
<i>7.4 Notas Dialógicas</i>	157
<i>Referências</i>	160
<i>Subjetividades EnCena – <u>Olórun</u> Modupè!</i>	162
8 A Cena Fotográfica	164
9 O Construído e o Vir a Ser...	175
<i>Referências</i>	180
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	193
APÊNDICE B – Entrevistas	194
APÊNDICE C – Grupo de Discussão	260
APÊNDICE D – Publicações selecionadas na revisão sistemática	302
ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS	306

Resumo

Esta tese tem como referenciais teórico-paradigmáticos o pensamento sistêmico complexo e a filosofia tradicional africana. Nesta perspectiva, propõe a reflexão sobre a relação entre *mýthos* e *lógos* no pensamento tradicional africano, bem como sobre o diálogo entre pensamento mítico e pensamento científico. Tem como principal objetivo compreender os processos de produção de saúde em uma comunidade tradicional de terreiro de matriz africana, problematizando a dialógica entre o paradigma civilizatório ocidental e o paradigma civilizatório negro-africano. Trata-se de um estudo qualitativo que buscou o diálogo entre o que convencionamos chamar de “método recursivo” e a etnografia. Foram participantes vinte vivenciadores de uma comunidade tradicional de terreiro de Batuque de tradição *Jeje-Nàgô*, da cidade de Porto Alegre, RS, fundada há mais de 81 anos e com cerca de 150 adeptos. No processo de produção de informações, construímos um *corpus* de pesquisa a partir da observação participante, de anotações em diário de campo, de entrevistas abertas, de um grupo de discussão e de uma produção fotográfica. A compreensão do material empírico partiu das reflexões teóricas sobre alguns organizadores civilizatórios invariantes negro-africanos das comunidades tradicionais de terreiros de matriz africana, de modo que ao longo desse processo emergiram três organizadores da produção de saúde: 1) unidade cósmica e força vital; 2) organização mítica e relação sujeito-ancestral-divindade; 3) pertencimento e identidade cultural. No terreiro, a concepção de saúde transcende a perspectiva da ausência de doença na medida em que é concebida como força vital, como a própria existência. Ela opera na perspectiva da complementaridade e interdependência dos seres a partir de uma noção de totalidade, de integralidade da vida. A complexidade da dinâmica civilizatória do terreiro não pode ser compreendida por categorias de análise do paradigma civilizatório ocidental. Faz-se necessário romper a hegemonia do pensamento eurocêntrico na expectativa de, progressivamente, inscrever e visibilizar na cena acadêmica outros modos de compreender o mundo, outras racionalidades no estudo em ciências humanas, sociais e da saúde.

Palavras-chave: Comunidade Tradicional de Terreiro; Saúde Coletiva; Paradigma Civilizatório; Psicologia Social.

Abstract

This thesis has as theoretical-paradigm referential the complex systemic thought and the traditional African philosophy. Accordingly, it proposes a reflection on the relationship between *mythos* and *logos* in traditional African thought, as well as on the dialogue between mythical thought and scientific thought. Its main objective is to understand the production processes of health in a traditional community of African origin *terreiro*, questioning the dialogue between the paradigm of Western civilization and the paradigm of black African civilization. It is a qualitative study that sought dialogue between what we used to call "recursive method" and ethnography. Twenty participants were experienced in a traditional African *terreiro de batuque*¹ tradition Jeje-Nago in Porto Alegre, founded over 81 years and with about 150 supporters. In the process of production of information, we built a *corpus* of research based on participant observation, notes in a field diary, open interviews, a discussion group and a photographic production. The understanding of the empirical material came from the theoretical reflections about some black African invariants civilizing organizers of traditional communities of African *terreiro*, so that throughout this process revealed three organizers of the production of health: 1) cosmic unity and vital force; 2) mythical organization and individual-ancestor-deity relationship, 3) belonging and cultural identity. In the *terreiro* the concept of health transcends the perspective of the absence of disease, as it is conceived as vital force, as the very existence. Health operates from the perspective of complementarity and interdependence of human beings from a sense of wholeness, of completeness of life. The complexity of civilization dynamic of the *terreiro* cannot be understood by categories of analysis the of Western civilization paradigm. It is necessary to break the hegemony of Eurocentric thinking hoping, gradually, to enter and to visualize in the academic scene other ways of understanding the world, other rationalities in the study in the humanities, social and health.

Keywords: Traditional Community *Terreiro*; Public Health; Paradigm of Civilization; Social Psychology.

¹ African cultural tradition recreated in Rio Grande do Sul, Brazil.

1 Acontecimentos em Cena

Tu me mostravas

Mas eu não queria acreditar

- sombras, sonhos, cenas, acontecimentos...

Vários foram os momentos que a mim

te revelaste.

Mas eu não queria aceitar

parte de mim,

meu duplo.

Se eu existo no mundo

é porque nós existimos nestes mundos

Se aqui eu escrevo

é porque meu *Orí* está comigo

Se eu sou

é porque nós somos nesse imenso Rio.

Aconteceu.

Em minha experiência de escrita acadêmica, toda vez que as palavras me faltam para expressar o sentido, o observado, o significado, o vivido, o compreendido, emerge outro tipo de escrita para tomar o controle de minha narrativa. Nesse momento, algo de incerto, imprevisto passa a conduzir a minha construção frasal, a minha construção textual. Mas isso não acontece somente na escrita, faz parte de outras cenas, de outros cenários, de outros contextos, de minhas experiências de vida, cujo acontecimento é a única coisa pré-vista.

Muitos dos acontecimentos por mim vividos no terreiro foram sentidos como espetaculares e prodigiosos, por terem transformado o meu tempo e espaço individual e coletivo, portanto, eles foram sentidos e percebidos como singulares e fenomenais. Falo de uma noção de acontecimento que é complexa por remeter, em si, a outras noções como o aleatório, o improvável, o acidental, o singular, o concreto, o histórico (MORIN, 2002b).

Afinal, “o acontecimento mais insignificante pode mudar o curso da história” (PRIGOGINE, 1996, p.26). Ele é uma contingência que introduz a ideia de incerteza na previsão do futuro (PRIGOGINE, 2003). Ele é conflito, crise, acidente, contingência, podendo transformar, modificar, destruir, desenvolver a partir de encontros, interações, recursões e organizações entre pessoas e entre pessoas e o contexto.

No que se refere à palavra cena, no contexto do teatro ela pode ter diversos sentidos, desde o pragmático como cenário e área de atuação, até o sentido metafísico de acontecimento espetacular, singular, fenomenal.

Assim, como num espetáculo, propomos a construção de oito Cenas, permeadas por acontecimentos, para provocar o diálogo com o leitor sobre os caminhos, as vivências, as problematizações, as complexificações e as reflexões realizadas no processo de construção da presente tese. Cada uma dessas Cenas corresponde a um artigo que, no conjunto, deve ser interdependente e autônomo, simultaneamente.

Além da construção textual, também compõe essa tese uma produção fotográfica construída ao longo de nossos cinco anos no terreiro. Nossa proposta foi utilizar a linguagem fotográfica para nos surpreendermos a cada novo olhar. Nesta perspectiva, nos perguntamos como o potencial expressivo e narrativo de uma fotografia, produzida por um pesquisador, pode construir conhecimento em psicologia? De que modo o silêncio da imagem fotográfica revela subjetividades dos observadores e da observação?

Nossa intenção, portanto, é colocar o observador/pesquisador na cena da observação e provocar, você leitor, a observar nossa observação. De modo que da observação da observação, você possa subjetivar-se com as realidades e conhecimentos de cada narrativa impressa nas fotografias.

Importante dizer que ao longo de toda a escrita, ora estarei falando na primeira pessoa do singular, buscando expressar as minhas experiências enquanto pesquisadora e adepta de uma comunidade tradicional de terreiro de matriz africana, ora estarei falando na primeira pessoa do plural, no intuito de expressar a construção coletiva desta tese que envolveu tanto um grupo de pesquisadores (orientador, co-orientador, bolsista de iniciação científica), quanto um grupo formado pelos adeptos do terreiro participante.

Na Cena I nos propomos a discorrer livremente sobre acontecimentos que nos levaram a encontros e (re)encontros junto ao espaço e tempo de uma comunidade tradicional de terreiro de matriz africana e à discussão sobre a produção de saúde nesse território.

Falamos de caminhos, justificativa, percursos e questionamentos, além de explicitarmos nosso problema de pesquisa e objetivos.

Na Cena II nos propomos refletir sobre a dialógica e a imersão no campo para a produção de um caminho, de um método de pesquisa em comunidades tradicionais de terreiros de matriz africana. Descrevemos em nossa caminhada cenas e acontecimentos sentidos, percebidos e vividos como quem “conta um conto”. Tudo isso em meio aos conflitos provocados pelo encontro de dois paradigmas civilizatórios – o ocidental e o negro-africano.

Na Cena III fazemos algumas considerações acerca do construto “comunidade tradicional de terreiro de matriz africana”, com o propósito de refletir sobre alguns conceitos que subjazem a ele, bem como de colocar em discussão a organização dessa comunidade a partir de organizadores civilizatórios invariantes negro-africano, considerando o diálogo entre referencial teórico e material empírico.

Na Cena IV traçamos a transição do *mýthos* ao *lógos*, refletindo sobre sua conexão com a filosofia ocidental e a ciência moderna, propomos uma reflexão sobre a relação entre *mýthos* e *lógos* no pensamento tradicional africano e problematizamos o diálogo entre o pensamento mítico e o pensamento científico.

Na Cena V nos propomos a uma revisão sistemática de literatura sobre a interface saúde e terreiros, com o objetivo de identificar e refletir sobre as temáticas mais frequentes da produção científica realizada em contexto brasileiro sobre a interface saúde e comunidades tradicionais de terreiros de matriz africana, contextualizando essa produção junto a algumas políticas públicas nacionais e internacionais.

Na Cena VI são articulados os referenciais teóricos e o material empírico na perspectiva de compreendermos os processos de produção de saúde em uma comunidade tradicional de terreiro de matriz africana, problematizando a dialógica entre paradigma civilizatório ocidental e negro-africano.

A Cena Fotográfica nasce do desejo de fotografar as cenas e os acontecimentos vividos em uma comunidade tradicional de terreiro e tem como objetivo colocar em discussão a construção de realidades, saberes e subjetividades produzidas nos e pelos pesquisadores a partir da linguagem fotográfica no contexto de pesquisa em psicologia. Mas, sobretudo, trata-se de mais uma estratégia de visibilizar, por meio da imagem e da fotografia, uma tradição de matriz africana reterritorializada no Rio Grande do Sul – o Batuque.

Com o propósito de visibilizar o protagonismo dos participantes das entrevistas e/ou grupo de discussão, suas narrativas acompanham o desenrolar das Cenas desta tese na perspectiva de mantermos o diálogo constantemente construído nessa caminhada. Além destas narrativas, também oferecemos a oportunidade ao interlocutor de se (en)cantar com os *oríki*, gentilmente cedidos por seus autores à essa publicação.

Portanto, você leitor, também poderá se aproximar e “escutar” as histórias, as percepções, os sentidos e os significados do ser e viver em uma comunidade tradicional de terreiro de matriz africana.

2 CENA I - As Vicissitudes de Encontros e (Re)Encontros

O princípio organizador que determina a percepção de toda a realidade é a centralidade da experiência africana para os povos africanos – o único que nunca pode ser questionado por quem se declara afrocêntrico.
Ama Mazama (2009, p.117)

A Cena I é aqui tomada como um prelúdio onde iremos percorrer livremente sobre acontecimentos que nos levaram a encontros e (re)encontros junto ao espaço e tempo das comunidades tradicionais de terreiros de matriz africana e à discussão sobre a produção de saúde nesses territórios. Falamos de caminhos, percursos, trajetos, questionamentos e sistematizações que possibilitaram a construção desta tese. Assim, iniciamos com o relato de um acontecimento espetacular (modo como ele foi sentido, significado e descrito em meu diário de campo), que se constituiu no estopim para iniciarmos esse diálogo:

Era uma tarde ensolarada do implacável verão do Rio Grande do Sul. Eu trabalhava como terapeuta de grupos em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), no qual desenvolvia diversas oficinas e grupos terapêuticos. Minha história de vida me provocava a realizar atividades que voltassem meu olhar para as incursões das culturas afro-brasileiras na terapêutica das pessoas atendidas naquele serviço público de saúde. Certo dia, em meio a uma oficina de capoeira com toda a musicalidade, corporeidade e oralidade que a constitui, uma das participantes – mulher, de meia idade –, fez um comentário que, naquele momento, foi suficiente para mudar o curso de minha história: “essas músicas parecem de religião”. No Rio Grande do Sul, de modo geral, quando as pessoas dizem “de religião”, estão se referindo à religiosidade afro-brasileira. Inicialmente, não soube o que fazer, tampouco o que dizer. Percebi-me diante de um grande hiato no que tange as minhas raízes africanas, e ao mesmo tempo, diante de uma demanda trazida por aquelas pessoas. Mas, o que deveria ser dito, aquela mulher o fizera, provocando no espaço e tempo da oficina importantes momentos de discussões e de relatos de experiências sobre o Batuque e a Umbanda, principalmente, experiências relacionadas à busca por cuidado e tratamento para os males do corpo e da alma.

E foi assim, provocada, desconfortada pelas/nas interações e recursões produzidas na oficina de capoeira de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), que dei o primeiro passo para a construção desta tese.

Após esse desacomodar, vivenciei algumas manifestações culturais de origem africana e me aproximei de organizações que promoviam discussões, debates, seminários e oficinas sobre as comunidades tradicionais de terreiros de matriz africana, bem como sobre as relações etnicorraciais no Brasil. Nesse percurso, encontrei a organização não governamental AFRICANAMENTE em ocasião de um curso intitulado “Pedagogia do Axé”, organizado por essa entidade. Fiz minha inscrição e participei das primeiras atividades em dezembro de 2005, cuja programação previa encontros mensais ao longo do ano de 2006. Em uma dessas atividades, tive a oportunidade de ouvir o Prof. Dr. José Flávio Pessoa de Barros, que em meio a sua palestra, lançou o seguinte questionamento: “O que seria do SUS se não fossem as comunidades de terreiros?” (informação verbal²). Esse momento foi extremamente significativo para mim, afinal, o que ele estava problematizando, fazia parte do meu dia-a-dia no CAPS. Aquela fala dava sentido a minha percepção de que, muito antes de chegarem ao serviço oficial de saúde, as pessoas constroem diferentes itinerários passando por outras práticas terapêuticas, em especial, aquelas oferecidas pelos terreiros. No entanto, uma pergunta sedenta por respostas, ou por outras perguntas, continuava a me provocar: Mas afinal, que saúde é essa produzida nos terreiros?

Caminhos que me levaram a refletir sobre diferentes modos de conhecer e explicar um dado fenômeno, uma dada realidade.

O CAPS era apenas um entre os diferentes espaços de acolhimento e cuidado em saúde mental presentes no itinerário daquelas pessoas. Ou seja, muitos que ali estavam já haviam procurado tratamento em igrejas, centros espíritas, benzedadeiras, terreiros de Umbanda, de Batuque, entre outros. Locais que, até então, a minha verdade não me permitia observar enquanto espaços potenciais de produção de saúde.

Mas, quando o que é dito no terreiro contradiz o que é dito no CAPS, ou vice-versa? É possível resolver esse impasse? Qual verdade deve ser seguida?

Nessa caminhada aprendi um mito *Yorùbá* que me ajudou nessas reflexões:

Mito das Verdades

O mundo era formado por dois espaços, *àiyé* e *òrun*, separados apenas por um grande espelho. Por meio deste, *Olódùmarè* acompanhava todos os acontecimentos

² Conforme palestra proferida pelo Prof. Dr. José Flávio Pessoa de Barros durante o curso “Pedagogia do Axé”, promovido pela organização não governamental AFRICANAMENTE, em dezembro de 2005.

do mundo que eram refletidos no espelho mantendo apenas uma verdade sobre o cosmos.

Certa vez, *Olódùmarè* incumbiu *Lewa* de pilar todo o alimento do mundo em uma grande mão de pilão. *Olódùmarè* orientou *Lewa* que ao pilar os alimentos não deveria fazê-lo com muito entusiasmo para evitar que a mão de pilão viesse bater no grande espelho, fragmentando-o. *Lewa* procurou tomar todo o cuidado para evitar tal acontecimento. Entretanto, um dia *Lewa*, muito feliz que estava, começou a pilar entusiasmadamente os alimentos erguendo o pilão com muita força. De repente, o pilão bateu no grande espelho provocando um enorme estrondo no mundo e espalhando cacos do espelho por toda a parte. *Lewa* se desesperou, chorou muito e criou coragem para falar sobre o acontecimento a *Olódùmarè*. Soluçando muito, *Lewa* chegou até *Olódùmarè* e logo foi se desculpando:

Meu Pai eu acordei tão feliz que fui cumprir minha importante tarefa de pilar todo o alimento do mundo, mas minha felicidade era tão grande que utilizei muita força para erguer a mão de pilão e acabei estilhaçando o grande espelho do mundo, e agora o que farei?

Olodumaré com muita serenidade afagou o *Orí* de *Lewa* e disse:

Lewa minha filha! Quebraste o espelho? Pois agora é que ficou bom! Não teremos apenas uma verdade, teremos milhares de verdades e todas essas verdades trarão o crescimento da humanidade e a preservação do mundo. Acabaste de individualizar a humanidade, e agora cada indivíduo precisará buscar a coletividade para se compreenderem como seres coletivos.

Lewa então secou suas lágrimas e seguiu feliz na sua tarefa de pilar todo o alimento do mundo (Mito *Yorùbá* – interpretação *Bàbá Yedigba de Yemojá*³)

Crendice, mentalidade primitiva ou outro modo de compreender o mundo?

Quem entende o que é para um povo sua mitologia, que poder interno ela possui sobre ele e quanta realidade manifesta assim, admitirá que a mitologia foi inventada por indivíduos singulares tão facilmente, quanto considera possível que também a linguagem de um povo tenha surgido através de esforços singulares no seu seio (CASSIRER, 2004, p. 21).

Entender o pensamento mítico e a tradição oral como organizadores de uma dinâmica civilizatória negro-africana é algo muito complexo para quem se constitui a partir de organizadores da ciência moderna, tais como objetividade, previsibilidade, neutralidade, regularidade, universalidade e veracidade. Mas, a partir do momento em que pude olhar para além do conhecimento produzido no serviço convencional de saúde, identificando a existência de outros modos de compreender a saúde, passei a me questionar sobre a ausência de diálogo entre o conhecimento das comunidades tradicionais de terreiros de matriz africana e o técnico-

³ Este mito foi narrado pelo *Bàbá Yedigba de Yemojá* em um dos momentos de diálogo que tivemos durante a construção da tese. Publicado na Revista Didá Ará, ano 1, nº 1, dez. 2010.

científico do SUS. Passei a me questionar, também, sobre os diferentes sistemas de interpretação do mundo; os diferentes modos de conhecê-lo; sobre a possibilidade de existência de outra racionalidade que dê conta de uma dimensão da vida humana que não é do domínio das ciências, mas, sim, do domínio mítico; sobre as possibilidades de diálogo entre o conhecimento mítico e o conhecimento científico, cada qual com suas regras e verdades. Atlan (1994, p.9) aponta a existência de “várias racionalidades, diferentes maneiras de se ter ‘razão’, legítimas, ainda que diferentes, que dão conta dos dados apreendidos pelos nossos sentidos”.

A partir da premissa da existência de diferentes modos de se ter razão sobre uma mesma realidade, e agora não mais sozinha, mas com um grupo de pessoas trabalhando em torno dessas questões, problematizamos o diálogo entre duas racionalidades em torno dos modos de conhecer o mundo, o pensamento mítico e o pensamento científico; bem como o diálogo entre terapêuticas tradicionais de terreiros de matriz africana e terapêuticas convencionais de serviços de saúde do SUS. Passamos a refletir e a nos questionar sobre a dialógica entre os paradigmas civilizatórios que transversalizam a vida dos adeptos de terreiro: o ocidental e o negro-africano.

2.1 Paradigmas

As discussões em torno do conceito de paradigma, no campo científico, têm na obra de Kuhn (2006) *A Estrutura das Revoluções Científicas* um importante marco. Já em seu prefácio, o autor salienta: “considero ‘paradigmas’ as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, oferecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (p.13). Kuhn refere ainda que esse conceito possui dois sentidos:

De um lado, indica toda a constelação de crenças, valores, técnicas etc., partilhadas pelos membros de uma comunidade determinada. De outro, denota um tipo de elemento dessa constelação: as soluções concretas de quebra-cabeças que, empregadas como modelos ou exemplo, podem substituir regras explícitas como base para a solução dos restantes quebra-cabeças da ciência normal (Ibid., p.220).

Enquanto Kuhn (2006) discute o conceito de paradigma como parte de comunidades científicas, Morin (2002d; 2007) amplia esse conceito ao referir que a ele subjazem visões de

mundo partilhadas pelas comunidades científicas, porém não limitando-se à essas. Para Morin (2007, p.59) “a palavra paradigma é constituída por certo tipo de relação lógica extremamente forte entre noções mestras, noções-chaves, princípios-chaves”. O autor refere que um paradigma contém os conceitos ou as categorias fundamentais para sua inteligibilidade e, a um só tempo, o tipo de relações lógicas de atração/repulsão entre elas (2002d, p.261). E assevera que “os indivíduos conhecem, pensam e agem segundo os paradigmas inscritos culturalmente neles”, de modo que os sistemas de ideias “são radicalmente organizados em virtude dos paradigmas” (Ibid.). Nessa perspectiva, por paradigma civilizatório entendemos um conjunto de pressupostos, concepções, valores, crenças, saberes e práticas compartilhadas por um grupo de pessoas, para além dos limites geográficos onde vivem, que dá vivacidade e organização a um modo de observar, agir e compreender o mundo.

Para conceituar paradigma civilizatório ocidental, partimos das discussões provocadas por Santos (2002) e Morin (2007). Para Santos (2002, p.10), a racionalidade da ciência moderna constrói o que chama de “Paradigma Dominante”, ou seja, um “modelo totalitário” de observar e compreender o mundo, na medida em que “nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que não se pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas”. Esse paradigma pressupõe a separação entre ser humano e natureza; visa conhecer a natureza para dominá-la e controlá-la; assenta-se na redução da complexidade; possui como pressuposto a ordem e a estabilidade do mundo. Morin (2002b; 2003; 2007) ao trabalhar com a ideia de “Paradigma Simplificador” refere que ele põe ordem no universo, expulsando dele a desordem; busca a eliminação da irreversibilidade temporal, e de tudo o que é eventual e histórico; atua no isolamento/separação do objeto em relação ao seu contexto; pressupõe a separação entre o objeto e o sujeito que o percebe/concebe; reduz o conhecimento do todo ao conhecimento das partes; vê apenas o uno ou o múltiplo, não conseguindo ver que o uno pode ser ao mesmo tempo múltiplo; reduz o conhecimento ao que é mensurável, quantificável, formulável, negando e condenando todo o conceito que não possa ser traduzido por uma medida.

Não obstante, o paradigma civilizatório ocidental também se constitui a partir de conceitos e pressupostos do capitalismo. Este, para manter sua hegemonia desde o início da Modernidade, pressupõe a contínua concentração de capital; a crescente expansão geográfica sem limites; o direito de propriedade privada de quaisquer bens; e o poder ideológico, cuja relação de confiança “explica a pacífica aceitação de qualquer espécie de poder: político, militar, econômico, familiar ou religioso” (COMPARATO, 2011, p.270).

No que se refere ao paradigma civilizatório negro-africano, para conceituá-lo dialogamos com o “Paradigma Afrocêntrico” proposto por Mazama (2009) e Asante (2009). A ideia afrocêntrica, segundo Asante (2009, p.93), refere-se à “proposta epistemológica do lugar”, ou seja, tendo sido os africanos e afrodescendentes (no continente africano ou na diáspora) “deslocados em termos culturais, psicológicos, econômicas e históricos”, qualquer análise e compreensão de suas condições de vida deve ser feita a partir de uma “localização centrada na África e sua diáspora”. Dito de outro modo, essa análise e compreensão precisam ser feitas a partir da epistemologia e de elementos civilizatório do complexo cultural africano. A afrocentricidade é entendida como “um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos” (ASANTE, 2009, p.93). O cerne desse paradigma, portanto, está na afirmativa de que os africanos devem “operar como agentes autoconscientes” de sua história, cuja autodefinição positiva e assertiva deve partir da “cultura africana” (MAZAMA, 2009, p.111). Nessa perspectiva, tendo em vista que “qualquer ideia, conceito ou teoria, por mais ‘neutro’ que se afirme ser, constitui o produto de uma matriz cultural e histórica particular” (Ibid.), compreendemos que o paradigma civilizatório negro-africano é constituído pelo conjunto de elementos do complexo cultural africano que inscreve em território brasileiro uma dinâmica civilizatória (LUZ, 2000; SANTOS, 2008; SODRÉ, 1988) em meio ao paradigma dominante. É constituído por um sistema de valores, crenças e ideias que constrói um modo específico de observar, agir e compreender o cosmos em suas dimensões visível e invisível, e que estabelece uma ética e uma estética para o viver coletivo, fazendo com que seus limites não coincidam com a dimensão geográfica do Continente Africano.

2.2 Problema

Como as comunidades tradicionais de terreiros de matriz africana, constituídas a partir do paradigma civilizatório negro-africano, produzem saúde? De que modo essa saúde é contingenciada pelo paradigma civilizatório ocidental?

2.3 *Objetivos*

2.3.1 Geral

Compreender os processos de produção de saúde em uma comunidade tradicional de terreiro de matriz africana, problematizando a dialógica entre o paradigma civilizatório ocidental e o paradigma civilizatório negro-africano.

2.3.2 Específicos

- Refletir sobre a relação entre *mýthos* e *lógos* no pensamento ocidental moderno e no pensamento tradicional africano;
- Problematizar alguns conceitos que subjazem ao construto comunidade tradicional de terreiro de matriz africana, na perspectiva de pôr em discussão a existência de organizadores civilizatórios invariantes negro-africanos;
- Identificar e refletir sobre as temáticas mais frequentes da produção científica em contexto brasileiro sobre a interface saúde e comunidades tradicionais de terreiros de matriz africana, bem como refletir sobre a relação dessa produção com as políticas públicas de saúde;
- Compreender a categoria saúde na dinâmica civilizatória da comunidade tradicional de terreiro de matriz africana;
- Refletir sobre a possibilidade de diálogo entre terapêuticas convencionais do SUS e terapêuticas das comunidades tradicionais de terreiros de matriz africana.

9 O Construído e o Vir a Ser...

Ao chegarmos nesta etapa da tese nos deparamos com o momento de olharmos para trás e buscarmos o que fundamentalmente pôde ser construído nessa caminhada. A sensação de incompletude é evidente e em mente vem aquele pensamento, se tivéssemos mais um mês! No entanto, fechar um ciclo para dar continuidade a outro é uma necessidade que se impõe, afinal, chegamos a um novo ponto de partida.

A imersão e a dialógica entre pesquisadores, participantes, dinâmica civilizatória do terreiro, teorias e o próprio método foram imprescindíveis para a produção e compreensão das informações. Princípios que possibilitaram a construção de um “método recursivo”, ou seja, um método/caminho que pressupõe a complementaridade e interdependência entre o princípio sistêmico, o hologrâmico, o dialógico, o da auto-organização, o recursivo e o princípio de reintrodução do conhecedor no conhecimento propostos por Morin (2003; 2007).

A identificação da organicidade de algumas certezas que passaram a constituir o estudo, no sentido de enfrentar as incertezas ao longo de seu caminho, possibilitou a emergência do que convencionamos chamar de “sistema estratégico”. Este traduz as unidades múltiplas que transversalizam e constituem o método recursivo: 1) dinâmica do contexto da pesquisa; 2) referencial teórico e paradigmático escolhido pelos pesquisadores; 3) imersão e dialógica no campo; 4) intencionalidade dos pesquisadores; 5) produção, emergência e compreensão do material empírico; e 6) o próprio método/caminho. Compreendemos que esse sistema estratégico, portanto, poderá se constituir em um ponto de partida para qualquer estudo qualitativo que tenha como referencial paradigmático o pensamento sistêmico complexo.

No que tange ao questionamento sobre a necessidade, ou não, da experiência iniciática em estudos em comunidades tradicionais de terreiros, consideramos que o foco deve estar na busca pela complexificação das estratégias, no sentido de chegar a um método contextualizado à multidimensionalidade dos sistemas observantes envolvidos no estudo. No caso do método recursivo produzido nesta tese, não seria possível construí-lo sem o processo iniciático, isto é, a perspectiva “deste de dentro para fora” foi imprescindível para garantir a qualidade das relações entre sistemas observantes mediante o estreitamento das relações no interior terreiro.

Sobre o construto comunidade tradicional de terreiro de matriz africana, consideramos que ele é a materialização simbólica e concreta do complexo cultural negro-africano que se mantém vivo e incorporado à sociedade brasileira por meio de organizadores civilizatórios invariantes, como por exemplo: tradição oral, sistema oracular divinatório, culto e manifestação de divindades, ritos de iniciação e de passagem. Organizadores que são fundamentais para a inscrição de um paradigma civilizatório negro-africano nesse contexto. Assim, asseveramos a necessidade de compreendermos o conjunto de organizadores invariantes que denotam a dinâmica civilizatória das comunidades tradicionais de terreiros de matriz africana no Brasil. Afinal, além da multiplicidade os terreiros possuem uma unidade, constituindo, portanto, uma unidade múltipla. Deste modo, torna-se imprescindível um estudo de fôlego sobre a cosmogonia e a cosmologia das tradições culturais que constituem os terreiros das diferentes regiões do país, tais como Batuque, Candomblé, Tambor de Mina e Xangô.

Foi a compreensão da existência de organizadores invariantes que nos levou a três organizadores da produção saúde no terreiro: 1) unidade cósmica e força vital; 2) organização mítica e relação sujeito-ancestral-divindade; 3) pertencimento e identidade cultural. Nesta perspectiva, falamos de uma concepção de saúde enquanto força vital, ou seja, saúde como existência. Trata-se de uma saúde que é produzida na relação entre o mundo visível e o invisível, entre o simbólico e o natural, o mítico e o empírico das divindades e ancestrais. Uma concepção de saúde que transcende a perspectiva da ausência de doença na medida em que é a própria existência. Ela opera na perspectiva da complementaridade e interdependência dos seres a partir de uma noção de totalidade, de integralidade dos sujeitos, da vida.

O sujeito se constitui e se diferencia em sua subjetividade, ao mesmo tempo em que ela é produzida na multiplicidade e unidade da comunidade, dos ancestrais e das divindades. O sujeito se constitui e se diferencia a partir de uma base bio-mítico-social, ou seja, ele é constituído a partir do sentido e significado das divindades e ancestrais, de seus elementos naturais e de sua relação com o coletivo.

Um dos modos de se produzir saúde, produzir força vital no terreiro, se dá por meio da compreensão e da vivência na dinâmica civilizatória negro-africana, de seus valores, sistemas de ideias, concepções e organizadores invariantes. Essa vivência produz um sentimento de pertencimento e constrói uma identidade coletiva que potencializa a energia vital, ou seja, produz saúde.

O princípio do corte ainda hoje tem função protetiva na saúde dos adeptos do terreiro, na medida em que provoca o sujeito a construir estratégias para viver face aos estratagemas da racionalidade moderna como, por exemplo, a fragmentação do seu contexto em sistemas sociais distintos. No entanto, na contemporaneidade essa fragmentação provocada pelo princípio do corte também pode agir como fator desagregador da saúde, pois chega um momento em que os sujeitos não conseguem mais articular aquilo que um dia foi fragmentando, o que provoca um sentimento de incompletude do “Ser”. Situação que faz emergir a necessidade de um princípio de complexificação que dialogue com o primeiro no sentido de que o sujeito possa desenvolver uma crítica sobre fluxo de informações entre racionalidade ocidental e racionalidade negro-africana que, por sua vez, produz descontinuidades e continuidades no conhecimento tradicional do terreiro mediante um processo de recriação e auto-organização permanente. A relação entre princípio do corte e princípio de complexificação também tem o potencial de produzir saúde no terreiro.

Não obstante, a produção científica sobre a interface saúde e terreiros ainda precisa avançar na compreensão sobre o conhecimento em saúde produzido pelos terreiros para não reduzir sua complexidade a partir da transposição de categorias de análise das diferentes ciências que constituem a Saúde Coletiva. Categorizações que não dão conta dos modos de viver e de ser das comunidades tradicionais de terreiros de matriz africana. Consideramos que não podemos importar para o terreiro os conceitos e estratégias do SUS, e vice-versa, sem sequer problematizar a existência de outros modos de produzir conhecimento em saúde. Necessitamos do diálogo entre conhecimentos convencional do SUS e tradicional do terreiro para construirmos outras narrativas em Saúde Coletiva. Eis um desafio que fica para os pesquisadores desse campo de estudo: construir conhecimentos a partir de outras racionalidades em ciência que subsidiem a produção de políticas públicas que contemplem o diálogo entre conhecimento científico e conhecimento tradicional do terreiro.

Embora a relação entre terapêutica tradicional do terreiro e terapêutica convencional do SUS tenha sido a mola propulsora para a construção desta tese, concluímos esse caminho reafirmando nosso questionamento. Como construir um sistema de saúde que valorize os saberes tradicionais dos terreiros?

Chegamos nesse ponto sem uma resposta pronta, mas com novas ideias e possibilidades de estudos que, quiçá, venham tornar realidade a atenção integral em saúde no SUS.

Sabemos, pois, que para o estabelecimento do diálogo entre o pensamento científico e pensamento mítico, e para a compreensão das possibilidades e dos limites desse diálogo, torna-se fundamental o reconhecimento de que existem diferentes modos de se ter razão, diferentes racionalidades. Além do desenvolvimento da noção de incompletude de cada saber, relacionado à busca pela correspondência e/ou complementaridade entre conhecimentos, bem como da noção de temporalidade e espacialidade dos saberes. Afinal, a ruptura entre *mýthos* e *logos* é um atributo do pensamento ocidental moderno e não do pensamento tradicional africano, o que constrói razões suficientes para pensarmos na autenticidade de uma filosofia africana.

Portanto, faz-se necessário romper com a hegemonia do pensamento eurocêntrico na expectativa de, progressivamente, inscrever e visibilizar na cena acadêmica outros modos de compreender o mundo.